



O REGGAE, DA JAMAICA AO MARANHÃO: PRESENÇA E EVOLUÇÃO

Maria do Carmo Lima Morias¹
Patrícia Carla Viana de Araujo²

¹ Pós-graduanda em Jornalismo Cultural pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA
madocalimo@hotmail.com

² Pós-graduanda em Jornalismo Cultural pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA
patyviana2005@hotmail.com

RESUMO

A hibridização cultural é um dos elementos estruturantes das sociedades contemporâneas. Resultado de encontros e desencontros múltiplos, onde as mais diversas práticas culturais interagem entre si., tornando-se uma categoria chave para a compreensão da produção das identidades e dos sistemas simbólicos. Como essas práticas não são estáticas, novas interações são redefinidas e interferem nas identidades regionais

O objetivo deste trabalho é fazer uma descrição do *reggae* em São Luis/Maranhão tomando como base o *reggae* na Jamaica. Através de uma perspectiva sócio-histórica, prospectaremos os elementos que contribuíram para sua evolução e consolidação na cidade de São Luís, bem como o processo de construção no imaginário social, mediante situações concretas registradas e legitimadas na mídia local.

Palavras Chaves: Reggae, Identidade, Cultura e Mídia Local.

INTRODUÇÃO

Embora o reggae seja de origem jamaicana, São Luis o incorporou dentro de suas práticas festivas e sua programação cultural, influenciando as relações de interação já existentes; e como consequência criou-se um novo mercado de bens e trocas simbólicas. Desde sua chegada a Ilha de São Luís há 30 anos, criou-se na memória coletiva local uma imagem de semelhança entre as duas ilhas, o que faz muitas pessoas acreditarem que realmente São Luis é a Jamaica Brasileira.

Essa alteração não se restringe apenas ao imaginário, bem como na ordem social, o que reflete no comportamento das pessoas, na cadeia de relações desse “bem” dito cultural. Seu processo de apreensão alterou sua forma, podendo ser analisado por vários aspectos. Por obedecer a regras e códigos próprios estabelecidos ao longo desse processo, o público local alterou a lógica de produção, recepção e consumo desse produto.

Os elementos originais que constituem o objeto propiciam transformações diversas. As potencialidades desse ritmo são suficientes para interferir nos processos culturais locais, mas é lenta para atribuir uma representação de identidade cultural local, apesar da exploração dos principais veículos de comunicação. Faz-se urgente, portanto, conhecer os processos que interferem nessa apreensão, bem como entender o que levou os ludoviscenses a apropriar-se desse estilo musical e o considerarem parte de sua identidade.

Nesse aspecto, acreditamos serem os processos de globalização um dos principais elementos causadores de mudanças de valores e sentidos atribuídos às culturas nacionais, até então isoladas, que por um motivo ou outro ultrapassam as fronteiras e adquirem inúmeras representações no mundo. É um fenômeno visto na sociedade contemporânea que provoca mudanças na identidade cultural pela intensa interação com que se dão essas relações. Todas essas mudanças em torno das identidades têm gerado uma crise de representação, não havendo mais padrões limitados para representar a realidade, tudo é válido, resultando em uma crise ética e estética.

Nesse contexto, surgem as diferentes formatações do reggae no mundo, articuladas às circunstâncias e espaço, desestruturando sua estrutura originais, com abertura para novas articulações, possibilitando uma nova reconstrução, resultando em um produto fragmentado inserido em um outro contexto social. Daí o interesse em pesquisar as formas de apropriações locais do reggae e como esse

gênero musical passa a ser incorporado e como reorganiza as práticas culturais da cidade.

JAMAICA - ORIGEM E IDENTIDADE

O reggae saiu de uma ilha de proporções medianas e ganhou visibilidade e representações na cultura mundial. É um gênero musical de origem jamaicana resultante da mistura de ritmos africanos, indígenas e europeus misturados desde a colonização da Jamaica. Descoberta por Cristovão Colombo em 1494, esta ficou sob o domínio espanhol por mais de um século, até 1660 sendo mais tarde tomada por piratas ingleses. Na condição de colônia, recebeu uma grande quantidade de negros da África Ocidental para suprir a carência de mão-de-obra extinta com a intensa política de exploração e extermínio do sistema colonial para realização de atividades compulsória no Novo Mundo.

Lá o tráfico de escravos foi abolido mais cedo e em 1962 conseguiu libertar-se oficialmente do domínio inglês. Atualmente é uma famosa ilha caribenha, sua forma de governo é a monarquia constitucional, e o chefe de Estado é um monarca, a Rainha Isabel II. Mesmo assim as tradições desses povos foram mantidas, como a prática religiosa, dança e a música, elementos emblemáticos desse povo e que estão intimamente ligados dentro da cultura jamaicana, representados no Rastafarismo e no *Reggae Music*, duas expressões subjetivas que marcam a identidade desse local.

Passando por diversos estilos, desde o seu surgimento, o reggae pôde experimentar novas perspectivas musicais e instrumentais trazidas pelos colonizadores da região e adaptá-las à sua realidade social e histórica. Assim sendo, suas letras são compostas numa língua mista, o crioulo jamaicano, resultado de encontros múltiplos que se deram ao longo da história do lugar, uma marca de hibridismo cultural.

Situada no miolo da América Central, a ilha podia captar, via rádio, sons que eram produzidos por negros de algumas cidades norte-americanas, como Nova Orleans e Miami. Na década de 50, o *Rhythm and Blues* estava no auge, e em Kingston (atual capital da Jamaica) e Spanish, esse era o som que mais agradava os jamaicanos, estes se identificaram bastante com esse gênero musical e misturaram-no aos sons de tambores produzidos em rituais religiosos.

A influência desse ritmo foi de grande importância para a produção do primeiro estilo musical, o *Mento*, uma espécie de música folclórica com características próprias de seu povo, que o misturaram aos sons dos rituais rastafari e ao vocal do *blues*; assim os tambores afros ganharam o rádio e foi o início de um movimento de revalorização da identidade cultural da ilha. Num outro momento, quando a ilha já era

independente, surge o *Ska*, com uma batida mais acelerada que a anterior e caracteriza principalmente, um movimento de afirmação identitária.

Acompanhando a evolução do reggae surge o *Rock Steady*, que semelhante ao *rock in roll*, inclusive no nome, tinha uma forte influência das grandes bandas americanas. Por fim, o *Roots*, considerada a era de ouro do reggae e de grande importância, por vários motivos, dentro desse processo evolutivo.

O *reggae Roots*, chamado também de reggae de raiz, é um estilo que retrata todas as lóstimas trazidas com a modernização da Jamaica, como o desemprego, a falta de moradia, as condições de trabalho precárias, não correspondendo com as expectativas da população após a independência. Arelado à filosofia rastafari, manifestava um sentimento de rebeldia e descontentamento, o qual foi sendo destacado nas letras das músicas Bob Marley, um dos principais ícones da música jamaicana, foi o elo entre o reggae e a filosofia rasta, projetando o movimento para além das fronteiras territoriais. Além destas características, o *Roots* é marcado primordialmente por sua fidelidade rítmica ao reggae jamaicano tradicional.

Até hoje o reggae evolui e acompanha as tendências da música moderna, mas mesmo assim as tradições desse povo ainda são mantidas, traduzindo uma visão de mundo e sentimentos coletivos de seu povo transmitidos ao longo desses anos, de geração para geração, sem comprometer sua identidade. A evolução musical na Jamaica é muito rápida e atualmente o reggae tocado e produzido lá ainda é o *Dancehall*, uma versão eletrônica do reggae aliado à tecnologia digital, acompanhando as tendências das grandes indústrias norte-americanas que ainda controlam o mercado e detêm esse poder dentro do cenário musical mundial.

Assim constituiu-se o reggae, da heterogeneidade de povos, com uma característica própria desenvolvida ao longo dos anos e das gerações que o transmitiram e agiram dentro das suas possibilidades de forma a não comprometer a identidade de seu povo. Carregado de sentidos e valores, o reggae para os jamaicanos não se restringe apenas a um gênero musical, a lazer ou entretenimento, vai muito além; é uma condição de vida que lhes proporcionam um sentimento de patriotismo, de luta e denúncia. A força de sua gente, assim como a de toda a África, é de uma abrangência imensurável que se transporta para todo mundo. O reggae é a materialização dessa força e, aparentemente, desperta em todos os povos o mesmo sentimento como ele foi idealizado.

Enquanto o reggae consolidava-se na Jamaica, este se projetava internacionalmente, acompanhando a esteira das grandes bandas de rock como Beatles, Rolling Stones, dentre outras, o reggae passou por inúmeras adaptações até chegar aos padrões comerciais exigidos pelos produtores e pela

indústria. O padrão ideal era caracterizado pelo uso mais destacado da guitarra, dos teclados e dos instrumentos de sopro; além de colocar à frente da banda um representante, o vocalista. Bob Marley ficou conhecido como uma figura emblemática do reggae, por estar à frente de sua a banda, The Wailers. A intenção dos grandes produtores que estavam por trás das primeiras bandas de reggae era atingir um grande número de pessoas, que já tinham sua base no público do rock. Obedecendo a um dos princípios básicos e fundamentais da indústria cultural, que é a padronização e a transformação de uma cultura em produto, o reggae conseguiu atingir um gosto médio, senão o mundo todo, e adquiriu diversas formas e ressignificações.

Ao articularem o reggae com a indústria, o que deu visibilidade a ele e, principalmente à uma cultura terceiro mundista considerada “isolada” do resto do mundo em que na sua maioria são pessoas negras; aquilo que era local passou a ser global de forma que os agentes culturais puderam compartilhar sua cultura e seus talentos criativos, articulando suas posições às circunstâncias que lhes foram dadas. Portanto podemos dizer que o reggae hoje trás consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno. Para Renato Ortiz (1981 p.87) “essas relações de mediação são necessárias no processo de construção das identidades nacionais, pois são os mediadores quem deslocam as manifestações culturais de sua esfera particular e as articulam a uma totalidade que as transcendem”.

Nessa perspectiva industrial, o reggae que antes era apenas uma arte anônima, transformou-se em um produto que ganhou visibilidade no mundo e atingiu um grande número de pessoas, embora despidas de suas características individuais como etnia, classe, religião e até mesmo de país, tratados como um todo homogêneo. Uma vez que foi retirado de seu lugar de origem, perdeu sua razão de ser e esvaziou-se de sentido; tanto aqueles que o reproduzem, quanto o próprio público que com ele entra em contato, deixa de estar vinculados existencialmente àquilo que de fato significa.

REFLEXOS DO REGGAE EM TERRAS BRASILEIRAS “JAMAICA BRASILEIRA”

A popularidade do reggae expandiu-se bastante desde o seu surgimento e foi revivido em vários países, inclusive no Brasil. Aproximadamente na década de 60 foi identificado algo próximo ao estilo, uma tradução do *Ska* na época da Jovem Guarda com Renato e seus Blue Caps e Wanderléia; nos anos 80 o grupo Os Paralamas do Sucesso começa a divulgar mais o ritmo, e na década de 90 surgem outras bandas. O reggae é tocado hoje, de norte a sul do país, e cada lugar se identificou de forma diferenciada, como é o caso de São Luis, que há mais de 30 anos acolheu o ritmo jamaicano.

Para o Maranhão, o reggae trouxe uma semelhança rítmica com uma das maiores e mais antiga expressões da cultura popular local, o Bumba-meu-Boi, uma síntese das culturas africanas, indígenas e européias. É difícil e contraditório definir exatamente quando e como esse ritmo veio parar no Maranhão e o porquê de tamanha identificação. Segundo Ademar Danilo, atual apresentador do programa de televisão África Brasil Caribe, a origem do reggae no Maranhão é de uma origem não comprovada, não há ninguém, não há nenhuma pesquisa que indique a data da chegada do reggae no estado; são vários fatores que contribuíram para que ele chegasse até aqui e pra São Luis ser conhecida como Jamaica Brasileira.

Para Zé Orlando¹, existe uma forte semelhança entre São Luis e a Jamaica; a grande maioria da população é negra, clima, modo de vida, além do reggae. Os mais antigos, principalmente os da zona rural, afirmam ter conhecido o reggae através dos sons captados, via ondas de rádio, no final da década de 60; enquanto outros tiveram contato com a música através de LPs trazidos em navios que aportavam nos portos da capital em meados da década de 70.

Essa variação de acesso em relação ao objeto investigado, até hoje não comprovada, é importante, na medida em que contribui para a reflexão sobre que elementos de ligação há entre São Luis e a Jamaica e quais foram (são) os processos e estratégias utilizadas, ao longo desses anos, para fazer de São Luis a “Jamaica Brasileira”. Zé Orlando diz que a versão de que o reggae teria vindo para o Maranhão através das ondas de rádio coincide com a verdadeira história do reggae na Jamaica, o que para ele é um mito difuso para fazer com que as pessoas acreditem que São Luis é realmente a “Jamaica Brasileira”.

Segundo Ademar Danilo², no estado já havia uma predominância de ritmos caribenhos nas regiões do Pará/Maranhão como: a lambada, o merengue, a salsa, o bolero, entre outros; ritmos esses que eram tocados em clubes que tem o perfil dos clubes de reggae de hoje e veiculados nas chamadas radiolas, um aparelho de som gigantesco. O fato de os ritmos caribenhos terem guarida no Maranhão confirma a aceitação do ritmo jamaicano, embora os frequentadores dos clubes não soubessem de que ritmo se tratava. Aos poucos o reggae foi sendo introduzido na programação musical dessas casas, através dos discotecários, muito conhecido nesse cenário como especialista em músicas desse gênero. Esses discos, raros, eram trazidos de fora do estado ou do exterior a preços altíssimos, o que dificultava o acesso do público com o ritmo sendo possível ouvi-lo indo apenas nos clubes.

Os clubes e as radiolas tiveram um papel fundamental no processo de evolução e consolidação do reggae no estado, pois dinamizaram e popularizaram este gênero musical, principalmente na capital; em contrapartida, centralizou-o nas mãos de poucos. Com isso, um mercado cultural foi estruturado em torno

¹ Integrante da banda Tribo de Jah

² Radialista, apresentador de programa de reggae na tv e produtor cultural

deste produto, com regras e leis próprias, aonde os empresários (donos de clubes e de radiolas) viviam disputando público, visibilidade, exclusividade, e principalmente o lucro. Essa disputa por mercado e pelo capital, fez muitos donos de radiola ficarem ricos e poderosos, e ao perceberem que o produto dava lucro investiram cada vez mais nas radiolas; quem tivesse mais tecnologia e músicas exclusivas, conseguia atrair mais público. É um campo de jogo de forças, de confrontos, de tensão, em que seus mediadores negociam e interage o tempo todo

Nenhum campo é estático, todos são dinâmicos e se modificam, à medida que os seus agentes interagem, manipulando o objeto de acordo como ele lhes é apresentado (BOURDIEU, 1997, p.57)

Todo esse processo de troca se dá no campo da mediação e nas relações estabelecidas entre seus mediadores; esses campos são identificados a partir desses atores sociais, que mantinha (ou matem) uma hegemonia, embora momentânea, nesses espaços sociais, cujos interesses econômicos prevaleciam. Hoje, eles transitam em todas as esferas da sociedade e deslocam-se, com facilidade, para outros campos, inclusive projetando-se na política, como Pinto da Itamaraty, empresário nesse ramo e atualmente vereador, e Ademar Danilo que foi eleito vereador em 1992.

Todas as estratégias de mercado e as interferências acima citadas resultaram numa mudança na sua lógica de produção, circulação e consumo, que não é a mesma da Jamaica. Quando isso ocorre com um produto cultural, seu formato original é alterado, e o mesmo produto pode receber diversos sentidos e mudar seu valor de troca, adquirindo parte desse processo e perdendo um pouco de sua identidade. A forma como o reggae foi apreendido e como ele é manipulado aqui no Maranhão, difere-se dos outros lugares do Brasil e ele é diferentemente assumido conforme varie o local.

A mídia ocupa um lugar estratégico neste processo e está diretamente ligada não somente à distribuição do produto, mas também à sua produção. Contrariando a lógica da cultura midiática, o reggae circulou primeiramente em ambientes próprios, os clubes, para depois ganhar as rádios. Somente na década de 80, surge o primeiro programa de rádio especializado em reggae. Estes tiveram um papel fundamental para a consolidação e democratização do ritmo jamaicano em São Luis. Embora houvesse um mercado estruturado e fechado, que era o dos donos de radiola, era possível ouvir e reproduzir algumas músicas, o que quebrou um pouco a hegemonia desses empresários.

Outro aspecto que merece ser destacado aqui é que, os apresentadores que estavam à frente do

programa, Ademar Danilo e Fauzy Beydoun³, tinham a preocupação em traduzir as letras das músicas, já que estas eram em língua inglesa, para que a população soubesse mais da essência do reggae e eles esclareciam um pouco do movimento na Jamaica. Hoje, a maioria dos programas de rádio pertence aos “capitalizados” donos de radiola, para divulgar suas radiolas e clubes de reggae, além dos programas de televisão. Apesar de a mídia local operar na relação de produção, divulgação e consumo, não são suficientes por que a influencia dos empresários ainda é muito forte, o que descaracteriza o produto na sua origem. As relações que se dão entre a mídia e o reggae é um jogo bem mais complexo porque se trata de uma série de negociações, complexas e multifacetadas, entre a cultura local e a cultura midiática, propondo que há uma enorme variação de acessos. Zé Orlando comenta sobre a forte influência dos donos de radiola na cena reggae de São Luis: “Acho que os radialistas deveriam se preocupar em dar mais informações aos consumidores (público/regueiros) e não somente ficar fazendo propagandas de radiolas ao longo dos programas”.

A população tem uma preferência por um estilo específico do reggae, dentre os que foram citados em outro momento, o *roots*, que além de coincidir com o momento em que ele estava surgindo na Jamaica e com sua aparição no Maranhão, foi o estilo que o consagrou no mundo. Para os maranhenses este estilo de reggae é a verdadeira expressão do movimento reggae, com mensagens de cunho político, econômico e social atrelado à filosofia *Rasta* e, principalmente por manter uma fidelidade rítmica ao tradicional reggae jamaicano. Não há quem se reporte ao *reggae roots* sem associá-lo á Bob Marley, um dos principais, se não o principal, ícone da música jamaicana. Em resposta ao som mecânico, radiola, e seguindo o estilo *reggae roots*, em meados da década de 90 começam a surgir bandas nacionais na capital.

O público da radiola era consistente e exigente, só queriam saber de *reggae* internacional, mesmo sem entender o que as letras diziam; com isso, as primeiras bandas maranhenses enfrentaram muitas dificuldades em apresentar-se em shows e principalmente produzir discos, não era interessante para os donos de radiolas investir ou trabalhar em conjunto com essas bandas e dividir o lucro, quando ele toca simplesmente um disco, muitas vezes tocado em mais de uma festa ao mesmo tempo, e ganha o lucro sozinho; essa prática dura há mais de 35 anos, e os lucros são ainda exorbitantes. A primeira banda de reggae a formar-se foi a Tribo de Jah, hoje conhecida internacionalmente como uma banda genuinamente maranhense e identificados como uma banda de reggae da Jamaica Brasileira. Martin Barbero(1997, p.108) destaca que “a indústria cultural assimila a cultura local, devolvendo sob outras formas, o que já existe no mercado “

Ao perceber que havia um gosto pelo ritmo jamaicano, às bandas locais começaram a se organizar,

³ Integrante da Tribo de Jah e ex-radialista de programa de reggae em radio local

e conseqüentemente a indústria. Mas esse processo ainda é lento, no que diz respeito ao envolvimento das grandes indústrias, e muitas bandas ainda continuam no anonimato, visto que os investimentos são poucos, o preconceito ainda perdura e a disputa de público e mercado é constante; o que não era de se esperar, já que é São Luis é a “Jamaica Brasileira”. Muitas dessas bandas são totalmente independentes, com muito material e pouco recurso financeiro, como a Banda Guetos, que tem mais de 15 anos de formação, muito conhecida no circuito reggae local, mas que até hoje, só teve 1 (um) CD gravado.

Na música, pode ser esclarecedor pensar em tradução cultural; descreve-se como um conjunto de princípios de tradução tanto quanto (ou mais) um conjunto de dispositivos de imitação. Também tem uma grande vantagem de enfatizar o trabalho que tem que ser feito por indivíduos ou grupos para domesticar o que é estrangeiro, em outras palavras, as estratégias e as táticas empregadas. (BURKE, 2003, p.59)

A legitimação dessa cultura fez com que a forma de julgamento do reggae fosse variada, e seu sentido interpretado de diversas maneiras. Como o fator de identificação percorreu outra via, a periférica, muitos viam o reggae como algo prejudicial ao bem estar social e moral.

A alegação era freqüente de que os espaços onde ele circulava eram locais de concentração de marginais e desocupados, além da suspeita de porte de armas e consumo de drogas. Por ser uma música produzida por negros e haver uma identificação com os negros de São Luis, a elite dominante da época, bem como as autoridades e a imprensa, associavam o reggae à violência, bloqueando com atitudes, muitas vezes violentas, a proliferação do ritmo na capital.

Outro aspecto que contribuía para esses comportamentos, era a localização e estrutura dos clubes, a maior parte deles era na periferia da cidade e em condições precárias, mas que para seus freqüentadores era o único espaço disponível de lazer que condizia com a sua condição de negro e pobre. Era um espaço de identificação racial, social e econômica

O reggae é a raça que faz... É o negro que faz. Algumas pessoas dizem que quem freqüenta o reggae é só ladrão, é só marginal. Mas na verdade não é só isso, o reggae é uma música que envolve a gente... A gente vai para curtir, é um espaço de paz, de você dançar, tomar sua cerveja e ficar numa boa... Muitos que não entendem o reggae ficam falando besteira, mas a gente não pode contribuir com a besteira deles. O reggae é uma música do negro. (ZÉ MARIO, 1995, p.107)

A forma como uma cultura é apropriada está diretamente ligada ao julgamento e ao gosto, e estes são resignificados na produção das trocas simbólicas. Todo mercado simbólico é um campo marcado pelo mediador, inteiro produtor de sentido que interage num mesmo ambiente social; são eles que julgam, consagram e institucionalizam os bens “ditos” culturais. Ao legitimar um produto, estes interferem no

imaginário social, de forma que a sociedade se reconhece nele e por ele designa-se uma identidade.

A mídia é um exemplo de mediação que interfere no imaginário social e articula os processos de construção de uma identidade. Indignado com a idéia que circulava nos meios de comunicação de massa, principalmente a rádio, de São Luis estar sendo definida como Jamaica Brasileira, Ubirajara Rayol publicou um artigo no Jornal da Tarde que provocou grande polêmica:

No momento em que os meios de comunicação maranhenses passam a cognominar à nossa São Luis não mais de “Atenas Brasileira”, mas de Jamaica Brasileira”, urge que se repudie tamanho e tão deplorável abuso (...) Não se conhece na história da Jamaica, feitos nos campos da letras, artes e ciências. (Jornal da Tarde, 01/06/91)

Extremamente preconceituoso este artigo revela a resistência às manifestações culturais produzidas pela população negra, resultante da herança das relações de escravidão deixadas desde a colonização. As formas de representação do imaginário social estão relacionadas às referências históricas, em constante construção, organizando uma nova ordem social e ordenando novos comportamentos.

Contudo, as fronteiras estabelecidas no contexto das relações socioeconômicas, que envolve o reggae durante todo o seu processo de apropriação e adaptação no estado, têm sido cada vez menores. A ruptura de fronteiras entre a cultura de elite e periférica, a quebra do grande divisor, é comum nas sociedades contemporâneas.

O reggae, devido seu caráter híbrido e espontâneo, permite a interação dos agentes sociais, independente de sua classe social, raça ou religião, em um mesmo ambiente social. Um exemplo é o Espaço Cultural África, situado numa área nobre da cidade que mantém todos os elementos pertinentes ao reggae resignificado em São Luis e retrata o tipo de público que circula nesse circuito. Como o próprio dono, Ademar Danilo, descreve: “é freqüentado, na grande maioria, por jovens universitários acima dos 25 anos, classificados socialmente como público esclarecido e qualificado, que preferem um tipo específico do reggae, o *Roots*”. A programação da casa é totalmente voltada para o ritmo reggae, mas, eventualmente, são inseridos em sua programação outros estilos como a salsa, o merengue, e manifestações culturais popularmente maranhenses como o bumba-meu-boi e o tambor de crioula.

Dentro desse cenário de hibridismo cultural, onde a tradição (cultura popular) e a tradução (reggae maranhense) interagem em um só ambiente, relações sociais estas características de uma sociedade contemporânea, aonde os interesses comerciais, lazer e entretenimento, ou simplesmente de identificação, interagem constantemente.

Hoje, o Reggae está articulado a movimentos estudantis, culturais, sociais e a alguns órgãos do

estado, como a Prefeitura de São Luis que realiza um projeto através da Secretaria Municipal de Turismo - SETUR, que tem por objetivo promovê-lo como produto turístico, por meio do fortalecimento de sua identidade, valorização dos costumes locais, da articulação e integração dos seguimentos, visando à satisfação dos visitantes, comunidade e agentes dos seguimentos do Reggae em São Luis. Ainda que não prevaleça um caráter de organização política, como há em outras capitais brasileiras que se apropriaram do ritmo, o reggae é importante para que se possa pensar em uma mobilização da população negra de São Luis atrelado ao seu papel dentro dessa sociedade.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, N. H. Helena. **Introdução à análise do discurso**. 7. Ed. Campina: Editora da Unicamp, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa, Ed. Diefel, 1989.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 385 p. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CORONA, Renato – **A história do Reggae**.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação da culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

_____. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade Nacional**. 3ªEd. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **A partitura invisível: para uma abordagem interactiva da linguagem**. Lisboa: Edições Colibri, 2005.

REVISTA CONSTRUIR NOTÍCIAS. **Relações Étnicos-Raciais**. N. 28, ano 2005.

SEVERINO, Joaquim José. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, da S. R. Carlos. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luis: Ed. EDUFMA, 1995.

T. Adorno e M. Horkheimer. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.

DOC. ON LINE:

[http// www. Reggae e Cultura Popular Maranhense: sincretismo e identidade](http://www.Reggae e Cultura Popular Maranhense: sincretismo e identidade).

[http// www. Wilkpedia.com.br](http://www.Wilkpedia.com.br)

